



## O SUJEITO MULHER NO PODER E(M) PROCESSOS DE SILENCIAMENTO

Dantielli Assumpção Garcia<sup>1</sup>

Fernanda Luzia Lunkes<sup>2</sup>

Silmara Dela Silva<sup>3</sup>

Este trabalho objetiva situar como, de lugares de poder ocupados pelas mulheres, são enredados funcionamentos que, nas tramas do discurso, tornam previsíveis certos sentidos na relação entre mulher e poder, apontando para tensões na retomada das redes de memória e também impondo silenciamentos. Mobilizamos nesse trabalho a seguinte questão: considerando que nossa formação social é fortemente marcada por relações cujos vestígios se inscrevem em uma formação discursiva machista, como a mulher é discursivizada ao ocupar uma posição de poder? A partir dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, constituímos o nosso *corpus* de análise tendo como objetos a composição fílmica *O novíssimo Testamento*, de Jaco van Dormael (2014), e uma edição especial da revista *Isto É*, de novembro de 2010, que traz como chamada de capa “A mulher no poder. Dilma Rousseff”, que circula por ocasião da primeira eleição de Dilma à presidência do Brasil. Propomos analisar algumas produções de efeitos de sentido nesses dizeres sobre a mulher (no poder), voltando nosso olhar ao funcionamento da memória e aos processos de silenciamento que os constituem.

### DO DEUS À DEUSA: DESLOCANDO POSIÇÕES?

Em sua clássica afirmação sobre a memória em seu funcionamento discursivo, Pêcheux ([1983] 1999, p. 52) irá defini-la como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (...) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. E dá prosseguimento a sua argumentação questionando: “A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’, na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória discursiva como em um fundo de gaveta, registro do oculto?”. Na continuidade de sua reflexão, Pêcheux irá apontar o modo como a memória funciona no discurso por um processo de regularização discursiva que, ao mesmo tempo, pode ser rompida por acontecimentos outros do discurso e levar a uma “desregulação”, o que, por sua vez, viria a “perturbar a rede dos ‘implícitos’” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 53). A memória não pode ser entendida, assim, como “uma esfera plena”, para empregarmos os termos de Pêcheux. Trata-se de dizeres já ditos que dão sustentação ao dizer, fazendo com que sentidos retornem; ao mesmo tempo,

<sup>1</sup> Professora Adjunta do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: [dantielligarcia@gmail.com](mailto:dantielligarcia@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: [flunkes@gmail.com](mailto:flunkes@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2015/2017). E-mail: [silmaradela@gmail.com](mailto:silmaradela@gmail.com).



permite que dizeres outros se inscrevam em novas redes de filiações, caracterizando-se, “necessariamente [como] um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização...” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 56).

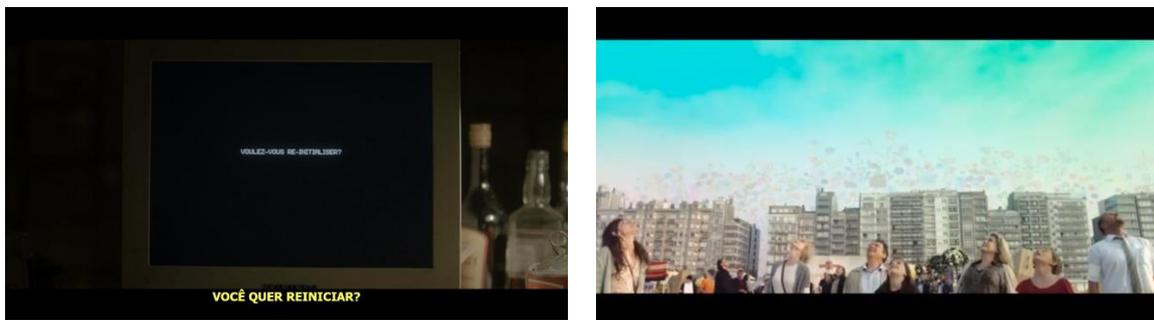
Para abordar a noção de silêncio, retomamos Orlandi (2007), que possibilita uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem a partir de uma “política da palavra”, na qual são impostos alguns sentidos enquanto outros sofrem processos de censura. Tomamos como ponto de reflexão uma outra dimensão política do silêncio em nossas análises: o silêncio constitutivo, que trabalha, conforme explica Orlandi (2007), nas fronteiras de formações discursivas nas quais ao se dizer X, inscrito em uma dada formação discursiva, deixa-se de dizer Y, o que poderia inscrevê-lo em outra região do dizer.

Voltando-nos ao nosso corpus, iniciamos por algumas considerações acerca do filme *O Novíssimo Testamento*. O filme narra a vida de Deus, que vive no século XXI, em Bruxelas. Rompendo com a formação discursiva religiosa (que o coloca como benevolente, justo e bom), Deus é representado no discurso fílmico como alcoólatra, agressivo, desleixado, que não faz milagres e que comanda o mundo e os homens por meio de um computador, via internet. A posição de narradora é ocupada pela filha Ea, de 10 anos. Após se revoltar com as atitudes autoritárias de seu pai, Deus, e apoiada por seu irmão mais velho, JC, decide seguir seus passos e sair de casa em busca de seus próprios apóstolos. Na imbricação entre diferentes materialidades significantes – no caso, o verbal da narração e as imagens – são produzidos efeitos de sentidos para a mulher-mãe, no discurso fílmico. Entendemos com Lagazzi (2011, p. 276) que “não se trata de analisarmos a imagem e a fala e a musicalidade, por exemplo, como acréscimos uma da outra, mas de analisarmos o material no entremeio do seu conjunto”. Interessa-nos o dizer de Ea sobre a mãe, o qual inscreve uma memória discursiva de retomada de sentidos regularizados em nossa formação social: uma mulher que vive para limpar a casa, fazer trabalhos artesanais em tecido e receber violentas críticas do marido. À ela reserva-se o espaço doméstico, materializando a “maldição que pesa sobre a mulher vassala”, de que fala Beauvoir ([1949] 2016, p. 503).

Um possível movimento de desregulação da memória relacionada à formação discursiva machista pode ser situado ao final da narrativa fílmica, quando acidentalmente a mulher-mãe, que limpava a casa, percebe que o fio do computador, com o qual Deus exercia seu controle sobre o mundo e os homens, estava desligado. Ao religar o equipamento, o sistema pede para ser reiniciado e dá as boas-vindas à mulher-mãe, saudada então como Deusa. Na saudação da máquina, aponta-se que a mulher era a Deusa e teria perdido esse poder ao se casar com o tirano. Ao reiniciar o sistema, a Deusa assume o controle da situação e começa a solucionar os problemas que estavam em curso entre os homens. No mundo da Deusa, um outro mundo torna-se possível (homem engravidado, por exemplo), e um novo céu aparece: não mais azul, relacionado ao Deus homem, mas florido, atrelado à delicadeza da Deusa-Mulher que, sem quase dizer, foi capaz de mudar o mundo e assumir sua posição de criadora (Figura 1).



**Figura 1:** Captura de tela de duas cenas do filme *O Novíssimo Testamento*



No movimento dos sentidos produzidos no discurso fílmico, podemos observar, nos termos de Pêcheux ([1983] 1999), efeitos de regularização e também de desregulação da memória discursiva sobre a mulher. Embora tenhamos no filme a filha dos deuses como um sujeito que se contraindifica com os discursos que chegam até ela pela via de uma formação discursiva machista, a Deusa-Mãe é retratada como uma mulher doce, recatada, dedicada ao lar e a seus filhos. Em oposição à tirania masculina, a docilidade e afetividade femininas são marcas de quando a mulher chega ao poder. A Deusa-Mãe ostenta as virtudes próprias da feminilidade: “o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e às necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos” (KEHL, 2016, p. 40).

Retomando a advertência de Pêcheux ([1983] 1999, p. 53) sobre o jogo de força na memória entre regularização e perturbação, podemos dizer que apesar de um aparente rompimento ao se colocar a mulher como criadora do mundo, o filme ainda sustenta uma imagem que silencia a mulher que chega ao poder, ressaltando mais a beleza das flores do céu do que sua resistência diante da violência que silenciosamente sofre.

### **DO PRESIDENTE À PRESIDENTA: A MULHER NO PODER**

Também constitui o nosso *corpus* uma edição especial da revista *Isto É*, denominada Edição Histórica, cuja chamada de capa é “A mulher no poder. Dilma Rousseff”. Com 98 páginas no total, esta edição temática dedica-se à “chegada da primeira mulher à Presidência da República”, uma “marca [n]a história do País” (ISTO É, 2010, p. 4), conforme destacado no editorial. As sequências discursivas que traremos relacionam-se, sobretudo, ao dizer da revista sobre o comportamento de Dilma, e mantêm o foco no funcionamento da memória e do silêncio.

Pêcheux ([1969] 1997, p. 82-83, sublinhas nossas) adverte a não necessária correspondência entre situações e posições nos lugares sociais dos processos discursivos. O autor afirma que “[...] diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições, e isto não por acaso.” Destacamos a não casualidade apontada por Pêcheux e a colocamos em relação às tensões produzidas sobre e a partir de posições de poder assumidas por mulheres, que, a nosso ver, ganham contornos ainda mais espessos. Na imagem construída sobre Dilma, representada em Pêcheux no jogo das formações imaginárias pela questão



implícita “De que lhe falo assim?” e cuja fórmula é IA(R), é regular a retomada de questões relativas ao seu comportamento, conforme podemos verificar na sequência discursiva recortada:

SD1: Nos debates, em vez de uma adversária frágil, dona de um temperamento explosivo, suscetível a provocações, a oposição se viu diante de uma candidata preparada e firme. (Matéria “A construção da vitória”, 2010, p. 43, grifos nossos)

O discurso sobre Dilma é formulado na tensão entre atributos positivos e negativos. Nesta SD, a oração apositiva retoma comportamentos negativos (“adversária frágil”, “temperamento explosivo”, “suscetível a provocações”) cujo efeito é de que arruinariam qualquer investida a um cargo político, mas cuja direção conclusiva de sentidos é supostamente desmontada pelos adjetivos “preparada e firme”. Atentamos para o uso da locução “em vez de”, que pode encaminhar para diferentes direções de sentidos: 1) Dilma, uma “candidata frágil”, posto também apresentar “temperamento explosivo” e ser “suscetível a provocações”, apresentou nos debates, provisoriamente, outras características, estas positivas. Vigoram, portanto, as adjetivações negativas como características que funcionam como definidoras do sujeito Dilma; 2) ao contrário do dito/do esperado por todos (características negativas), Dilma se mostrou preparada e firme nos debates.

Depreendemos que o efeito de surpresa sobre o desempenho positivo de Dilma não parece ser alterado em nenhuma dessas possíveis direções. É a negativização que se sobressai e, assim como a análise de Pêcheux (2012 [1981]) sobre as orações relativas, pode-se encaminhar a jogos de mal-entendidos – não se quis dizer que Dilma era uma candidata frágil/sempre se frisou a fragilidade de Dilma para o cargo. A retomada de sentidos em “frágil” e “temperamento explosivo” marca o funcionamento da memória, de um já-dito que é corrente nas projeções sobre a mulher na formação discursiva machista, ao associá-la à fragilidade e atitudes impulsivas, movidas pela emoção e não pela razão. Esses dizeres sobre a mulher que ainda circulam em nossa formação social retornam no discurso jornalístico sobre Dilma Rousseff na SD1. Outra sequência que recortamos:

SD2: Mais do que um “animal político”, como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva gosta de descrevê-la, Dilma é uma executiva nata, exigente e obcecada por resultados. A presidente eleita gosta de mandar. (Matéria: O jeito de comandar, 2010, p. 38, grifos nossos)

Na SD2, temos uma declaração atribuída ao então presidente Lula, na qual ele narra o modo como teria trabalhado na construção de Dilma como sua sucessora. Destacamos expressões como “fui colocando” e “passei a levá-la” que marcam justamente a condução de Dilma pelo líder. Nessa SD temos uma expressão constantemente retomada ao longo da revista para definir/adjetivar/classificar Dilma: “animal político”. A possibilidade de Dilma assumir um cargo é colocada no fio do discurso pelo uso do termo “político”, que a coloca em oposição a todas as demais mulheres, sujeitos não políticos. Frise-se que o termo é utilizado junto ao nome “animal” o que torna mais agudo o processo de silenciamento do feminino em suas possibilidades de atuação política. Retomamos Beauvoir ([1949] 2016, p. 414) para relacionar aos sentidos produzidos pelo discurso da



revista e seus efeitos de (im)possibilidade da mulher no poder: “Mas o que pode fazer sem o apoio masculino uma mulher para quem o homem é [...] o único meio [...]?”.

A retomada via memória dessa imaginária dependência da mulher ao homem também é marcada em uma outra matéria jornalística que integra a edição de *Isto É* e que tem como título “Os preferidos da presidente”, cuja imagem principal reproduzimos na figura 2:

**Figura 2:** Reprodução da imagem principal da matéria “Os preferidos da presidente”



Na imagem principal da matéria, Dilma está posicionada ao lado de Lula (à sua direita), qualificado pela revista como “O mentor”; e à sua esquerda, Michel Temer (“O vice experiente”), Fernando Pimentel (“O amigo”) e Antonio Pallocci (“O articulador”). Beauvoir ([1949] 2006, p. 410-411, destaques nossos) assinala que “Na França os generais Boulanger, Pétain e De Gaulle sempre tiveram as mulheres **para** eles”. Trata-se de uma relação hierarquizada na qual a mulher se ocupa em estar à disposição do homem. Já no discurso da revista *Isto É*, a relação estabelecida entre homens e mulheres aponta para outra direção de sentidos: neste caso, Dilma conta com uma equipe de homens **com** ela. Essa relação é produzida em matérias que falam sobre Dilma e sobre os quais se diz para traçar o processo de formação e consolidação da presidenta – quem a formou/ajudou/consolidou –, retomando uma formação discursiva machista, uma vez que o pré-construído sobre o qual se pauta o dizer é o de que uma mulher não poderia/não teria condições de ocupar nenhuma posição se não contasse com conselhos, técnicas, dicas preciosas... de homens. No discurso da revista, apesar da aparente filiação a sentidos que valorizam a mulher e suas conquistas, predomina a imagem de uma mulher chegando ao poder construída como acontecimento histórico possível graças aos homens que a moldaram para a ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como efeito de fechamento, podemos retomar nossa questão de pesquisa, qual seja, os modos pelos quais a mulher é discursivizada ao ocupar uma posição de poder, para afirmar que nos



objetos que tomamos de análise a mulher ocupa posições de poder, em um como criadora do mundo e, em outro, ocupando a posição de presidenta da República.

Apesar de um aparente movimento de rompimento de sentidos no jogo de força da memória e de uma filiação a sentidos de valorização dessa posição de poder, coloca-se mais em destaque na composição fílmica a mudança em relação à cor do céu do que a violência sofrida pela Deusa e seus gestos de resistência. Em relação ao discurso jornalístico da revista *Isto É*, produz-se a imagem de uma mulher que alcança o poder, um acontecimento histórico, mas não sem a decisiva contribuição de homens que trilham – para ela – a conquista. O discurso da revista produz efeitos negativizados acerca do comportamento de Dilma, produzindo um efeito de incompatibilidade entre mulher e poder.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3. ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ISTO É: Edição Histórica. A mulher no poder. Dilma Rousseff. São Paulo: Ed. Três, especial n. 1, nov. 2010.

KEHL, M.R. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2016.

LAGAZZI, S. Análise de discurso: a materialidade significativa na história. In: DI RENZO, A.; MOTTA, A.L.A.R.; OLIVEIRA, T.P. (Orgs.). *Linguagem, história e memória: discursos em movimento*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 275-290.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. [1981]. Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em francês. Trad. José Horta Nunes. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012b. p.131-140.

\_\_\_\_\_. [1969]. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethânia Mariani [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

\_\_\_\_\_. [1983]. Papel da memória In: ACHARD, P. [et al.]. (Org.) *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.